

Homem selvagem e natureza nos relatos de viagem

ROBERTO VENTURA
Da equipe de articulistas

Na Carta de Pero Vaz de Caminha, são narrados o descobrimento da terra e os primeiros contatos com os indígenas, com os obstáculos à comunicação devidos à barreira da língua. Saltam aos olhos do cronista a nudez e a inocência dos habitantes do país: "Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas". Para Caminha, a inocência natural dos aborígenes e a ausência de religião ou idolatria facilitariam a sua cristianização, já que se poderia imprimir neles "qualquer cunho". Enquanto a beleza e fecundidade da terra permitiriam prever bons "frutos", resultantes do plantio e cultivo, estariam os indígenas aptos a receber a "semente" da fé, lançada por Sua Alteza, o Rei D. Manuel. Caminha faz "tabula rasa" das culturas indígenas, consideradas enquanto formas a serem preenchidas com os valores da civilização ibérica, antecipando a obra da catequese, especialmente jesuítica.

A descoberta e a colonização da América Latina a partir do século 16 constituiu uma operação militar, comercial e religiosa, implicando uma empresa escritural. Escrever, descrever, transcrever, traduzir, interpretar são algumas das operações de uma tomada de poder no território do outro. Trata-se de estabelecer nas colônias uma rede de produção de textos, escritos na língua do conquistador, que tratam da representação dos elementos próprios ao Novo Mundo. O homem selvagem e a natureza americana são percebidos de forma ambivalente pelo discurso europeu, que oscila entre a imagem positiva da felicidade natural dos habitantes de clima próspero e fértil e a condenação dos costumes "bárbaros" de povos tidos como exóticos.

Em textos de navegantes e cronistas coloniais, como Caminha, Cristóvão Colombo, Frei Bartolomeu de las Casas, Pero Magalhães Gandavo e Gabriel Soares de Sousa, projeta-se sobre a América a imagem do Edén, constituindo a "visão do paraíso", na expressão de Sérgio Buarque de Holanda. Forma-se a ideia do paraíso terrestre nos trópicos, pelo destaque da pujança da terra, da eterna primavera e da temperança do ar, em uma repetição de "topoi" ligados à descrições medievais do Edén.

A viagem científica

Alexander von Humboldt estabeleceu o modelo de expedição científica e de relato de viagem, concebidos com vistas à expansão do conhecimento, vigente em grande parte do século 19. Sua viagem por Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador e



"Mulher Tupi com Criança" (1641), de Eckhout; atrás, a geometria do cultivo

México, narrada na "Relation historique" (Relação histórica, 1814-1825), se estende por um período de cinco anos, de 1799 a 1804. Embora não chegue a cruzar as cabeceiras do Orinoco e a penetrar em território brasileiro, devido à oposição do governo português, a influência de seu modo de observar a natureza, a partir da integração de diversas disciplinas, se revela em viajantes e naturalistas posteriores, que se ocuparam do Brasil, como Spix e Martius, Auguste de Saint-Hilaire e Luiz Agassiz.

A política de Portugal foi restritiva quanto às expedições científicas, sendo realizadas poucas explorações planejadas do território brasileiro durante o período colonial, com

exceção das iniciativas de Maurício de Nassau em 1637. Em 1783, Alexandre Rodrigues Ferreira, natural de Salvador, é enviado pela Universidade de Lisboa em viagem científica pelos rios da Amazônia, partindo de Belém, rumo ao rio Negro. Os espécimes coletados no Brasil e enviados a Portugal são armazenados de forma caótica, perdendo-se em grande parte. Com a invasão das tropas napoleônicas em 1808, são as coleções zoobotânicas tomadas, juntamente com os manuscritos da expedição, por Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire, do Museu de História Natural de Paris, e restituídos somente após a morte do naturalista brasileiro.

Com a vinda da Corte para o Rio

Livros editados no Brasil

Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista, de Moema Parente Augel. São Paulo/Brasília, Cultrix/INL, 1980.

Visão do Paraíso, de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

História Geral da Civilização Brasileira, editada por Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, Difel, 1976, volumes 3 e 5. Capítulos de Pedro Moacyr Campos, Carlos Oberacker, Olivério M. Oliveira Pinto.

História da História do Brasil, de José Honório Rodrigues. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.

OUTRAS LEITURAS



Edições estrangeiras

Paradises on Earth (Paraísos na Terra), de Henri Baudet. New Haven/London, Yale Univ. Press, 1965.

A Reference Guide to the Literature of Travel (Guia de Referência para a Literatura de Viagens), de Edward G. Cox. Seattle, Univ. of Washington Press, 1935-1938, 4 volumes.

La Disputa del Nuovo Mondo (A Disputa do Novo Mundo), de Antonello Gerbi. Milano/Napoli, Riccardo Ricciardi, 1955.

La Conquête de l'Amérique (A Conquista da América), de Tzvetan Todorov. Paris, Seuil, 1982.

de Janeiro, muda a atitude oficial quanto aos viajantes estrangeiros, seguindo-se um grande número de expedições. Nestas assume um papel destacado a contribuição de pintores e desenhistas como Jean Baptiste Debret, integrante da missão francesa, responsável pela fundação da Academia de Belas Artes e do Real Jardim Botânico. Na "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil", ilustrada com 153 pranchas, retrata Debret os costumes e tipos étnicos e sociais. Johann Moritz Rugendas, vindo ao Brasil por iniciativa do naturalista e cônsul-geral da Rússia barão de Langsdorff, publica parte de suas aquarelas, quadros e desenhos no volume "Viagem Pitoresca através do Brasil".

Uma das mais importantes explorações do século 19 foi realizada pelos cientistas bávaros, o zoólogo J.B. von Spix e o botânico C.F.P. von Martius, da Real Academia de Ciências de Munique. Spix e Martius fazem parte da expedição austríaca que acompanha a arquiduquesa Leopoldina de Habsburgo ao Brasil em 1817, por ocasião de seu casamento com o futuro imperador D. Pedro. Realizada de 1817 a 1820, a exploração de Spix e Martius pelo interior de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, é narrada em "Viagem pelo Brasil".

Darwin, Debret e Spix e Martius manifestam desgosto e revolta com os leilões e castigos públicos de escravos. No diário da viagem do "Beagle", revela Darwin o desencanto com o país em razão do cativo e da brutalidade dos senhores com os escravos, apesar do seu fascínio com a vegetação e paisagem. Por outro lado, viajantes, como Spix e Martius, manifestam a

crença, partilhada pelos defensores brasileiros da escravidão, de que o cativo constituía um mal necessário à cristianização e civilização dos africanos.

Para o viajante estrangeiro, torna-se a natureza tropical objeto de admiração, permitindo-lhe recolher-se espiritualmente e recordar a "pátria" do outro lado do oceano, trazendo a nostalgia dos padrões europeus de cultura. A contemplação da natureza compensa a desilusão provocada pelo contato com a sociedade local, em que se fazem presentes a escravidão e raças e etnias tidas como inferiores. Spix e Martius observam, a respeito dos indígenas, a "degeneração do humano" e a ausência de capacidade de aperfeiçoamento. Em "Viagem ao Brasil", relato da expedição realizada de 1865 a 1866, afirmam Luiz Agassiz e Elizabeth Agassiz o caráter "híbrido" dos cruzamentos entre espécies animais e humanas diferentes, condenando o mestiço como "ser intermediário", sujeito à regressão física e moral.

Além da viagem pioneira de Alexandre Rodrigues Ferreira, explorações são realizadas por Gonçalves Dias no Ceará e na Amazônia em 1859, pelo general Couto de Magalhães, autor de "O selvagem" e de "Viagem ao Araguaia", e por Euclides da Cunha, que faz o reconhecimento do alto rio Purus, escrevendo a parte sobre a Amazônia de "A Margem da História" e a obra inacabada "Um Paraíso Perdido".

Devorção cultural

No movimento modernista da década de 1920, o interesse pelas vanguardas europeias, com a valorização do primitivo, coincide com a "re-descoberta" literária do indige-

na e a reinterpretação das crônicas coloniais e relatos de viagem. Oswald de Andrade redige poemas e manifestos como paródias de cronistas e viajantes, como Pero Vaz de Caminha, Gandavo, Frei Vicente do Salvador e Claude d'Abbeville. Recorre Oswald ao capítulo sobre os canibais brasileiros dos "Ensaaios" de Montaigne, aos relatos de rituais antropofágicos de Jean de Léry em "Viagem à Terra do Brasil" e de Hans Staden em "Duas viagens ao Brasil", recuperando a "antropofagia" como metáfora das relações culturais entre Brasil e Europa.

Para escrever "Macunaima", Mário de Andrade se baseou em uma variedade de fontes. Macunaima, "o herói sem nenhum caráter", foi inspirado pela coleção etnográfica de Koch-Gruenberg, "Vom Roraima zum Orinoco" (Do Roraima ao Orinoco, 1917-1924), em particular pelo volume sobre os mitos e lendas das tribos taulipang e arekuna da Venezuela e noroeste amazônico brasileiro, cotejados por Haroldo de Campos em "Morfologia do Macunaima" (1973) ao texto de Mário de Andrade. O material coletado por Koch-Gruenberg de 1911 a 1913, sob comissão do Museu Etnológico de Berlim, deverá ser traduzido e publicado pela Editora Perspectiva. Algumas peripécias e personagens de "Macunaima" são inspirados pelas lendas recolhidas pelo etnólogo, como o gigante antropofágico Pietro Pietra, versão modificada do Piaimã da mitologia taulipang. Convertem-se o canibalismo e a antropofagia, de que quase teriam sido vítimas Léry e Staden nos primórdios da colonização brasileira, em símbolo da "devorção" de diversas tradições culturais, apropriadas como base de uma cultura nacional.

FONTE: Folha de São Paulo
23.04.88